

A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO E O LIVRO DIDÁTICO *NOVAS PALAVRAS*

Adna Chirly Mariano de PAIVA
Larissa Cristina Viana LOPES
Universidade do estado do Rio Grande do Norte

Resumo: Este trabalho tem como intuito analisar um capítulo do livro didático de Língua Portuguesa *Novas Palavras*, do terceiro ano do Ensino Médio, para verificação de como a literatura e a formação do leitor vêm sendo abordadas nas reformulações que sugerem novidades. Com base nas proposições de Bamberger (2008), Cosson (2006), Lajolo (1982), entre outros, constatou-se que o capítulo do livro didático estudado, apesar de vir reformulado e com promessas de novos direcionamentos, ainda traz modelos que contemplam a literatura em série e intrinsecamente ligada ao seu contexto histórico, com atividades e propostas que pouco estimulam a leitura e, por isso, não apontam para um caminho de humanização pela experiência leitora.

Palavras-chaves: Ensino de literatura, formação do leitor, livro didático.

Introdução

A formação do cidadão-leitor é o objetivo da escola. No ensino de literatura, a formação de leitores literários é o que o valida. Entretanto, as discussões sobre o ensino e a formação desejada pela escola tem sido ainda centro nas academias, especialmente nos estudos que focam o ensino da literatura na Educação Básica.

É neste contexto que este trabalho objetiva analisar o capítulo inicial de literatura do livro didático *Novas Palavras*, dos autores Emília Amaral, Mauro Ferreira, Ricardo Leite e Severino Antônio, em sua edição mais atual (2013), do terceiro ano do Ensino Médio. Pretende-se verificar o foco na formação do leitor literário com base no formato do capítulo e na exposição e/ou propostas com o texto literário.

Para isso, este artigo divide-se em duas partes. Na primeira, faz-se uma abordagem sobre o papel da literatura na formação das pessoas e seu espaço nas escolas, conforme Bamberger (2008), Cosson (2006) e Lajolo (1982), entre outros; na segunda parte, é estudado o capítulo “O Pré-Modernismo no Brasil” do livro supracitado, através do qual será verificada a perspectiva de formação do leitor literário no viés trazido pelo livro didático.

O mundo da literatura x o ensino da literatura: a formação do leitor em foco

As pessoas são, sem saber, providas de literatura no dia-a-dia, uma vez que até em seus pensamentos são capazes de entrar em outro mundo, capazes de imaginar as mais diversas fantasias em suas vidas. De acordo com o pensamento de Cândido (1995), a vida seria insuportável e impossível sem a presença dos sentimentos proporcionados pela literatura. Ela proporciona o prazer de poder viver tudo o que quiser e essa vivência/experiência da leitura literária pode tornar as pessoas mais humanas. Portanto, “a fruição da literatura é mutilar nossa humanidade” (CANDIDO, 1995, p. 235)

Com as palavras de Aguiar e Silva (1979, p. 7-8),

A literatura não é um jogo, um passatempo, um produto anacrônico de uma sociedade dessorada, mas uma atividade artística que, sob multiformes modulações, tem exprimido e continua a exprimir, de modo inconfundível, a alegria e a angústia, as certezas e os enigmas do homem.

Aqui, a literatura passa a ser descrita como algo que expressa situações e emoções humanas de maneira peculiar que a distingue de formas de expressão prosaicas.

Diante desta última descrição do que seria a literatura, Lajolo (1992, p. 14) propõe algumas perguntas a serem pensadas:

Será que é errado dizer que literatura é aquilo que cada um de nós considera literatura? Por que não incluir num conceito amplo e aberto de literatura as linhas que cada um rabisca em momentos especiais? Ou aquele conto que alguém escreveu e está guardado na gaveta? Por que excluir da literatura o poema que seu amigo fez para a namorada, só mostrou pra ela e mais ninguém? Por que não chamar de literatura a história de bruxas e bichos que de noite, à hora de dormir, sua mãe inventava para você e seus irmãos? Por que negar o nome de literatura aos poemas mimeografados que o jovem autor vende para a plateia depois do espetáculo ou na feira *hippie* de domingo?

Nesse contexto, a literatura assume diversos modos de ser concebida, pois extrapola o que se considera oficial, editado, vendido ou aprovado como literário, concebe-a como algo espontâneo, que pode ser criado, desde que haja valor expressivo. Os questionamentos que a autora faz, indicam que “Tudo isso *é, não é e pode ser que seja* literatura. Depende do ponto de vista, do sentido que a palavra tem para cada um, da situação da qual se discute o que é literatura.” (LAJOLO, 1992, p. 15). Desse modo, a literatura se liga a valores não somente sociais, mas pessoais também porque considera a construção de sentidos que o leitor faz da palavra.

Com todos estes artifícios e lembrando que o contato com o texto literário ocorre principalmente na escola, Cosson (2006, p. 17) argumenta que:

É por possuir essa função maior de tornar o mundo compreensível transformando sua materialidade em palavras de cores, odores, saberes e formas intensamente humanas que a literatura tem e precisa manter um lugar espacial nas escolas. Todavia, para que a literatura cumpra seu papel humanizador, precisamos mudar os rumos de sua escolarização [...].

Nesse contexto, a literatura é compreendida na visão do autor como mais que saberes a serem revistos, porque o *eu* pode incorporar o *outro* sem abnegar a sua identidade. Tratada como humanizadora, a literatura deve ser bem trabalhada na escola, onde se tem o principal contato com ela.

A relação entre escola e literatura é estreita, tendo em vista que, de acordo com Lajolo (1982, p. 18) “Entre as instâncias responsáveis pelo endosso do caráter literário das obras que aspiram *status* de literatura, a escola é fundamental.” A escola, além de exercer esse papel importante sobre a literatura, é também responsável pela introdução desse universo (literatura) no cotidiano dos alunos desde seus anos iniciais.

A literatura exerce a função de fazer com que o indivíduo sinta-se não só como uma pessoa a mais no mundo e/ou na sociedade, mas como a pessoa que é capaz, que reflete sempre sobre as coisas impostas pela vida, sobre a condição humana. A literatura, como função, tem um papel espetacular, que é de fazer o leitor/interlocutor mais humano e a escola, embora não seja o único, é principal ambiente no qual se tem o contato com a literatura. Ela é responsável pela seleção de textos que faz para indicar aos discentes o que ler.

Nesse sentido, o discente deve ter como oportunidade na escola a apresentação de leituras diversas, para que seu futuro seja consequência de um passado leitor, fazendo com que desde cedo o gosto de ler esteja presente em sua vida, estimulando-o a refletir criticamente acerca do parâmetro social sob o qual está organizado.

É nesse sentido que a literatura carrega uma importância significativa não somente nas escolas, uma vez que ela opera uma mistura de sentimentos, raciocínios, promove interação e humanização em diferentes classes e realidades. Bamberger (2008, p. 42) diz ainda que

Devemos analisar que, independente das motivações e dos interesses individuais, a leitura literária deverá ser sempre perseguida porque ela também constitui uma busca além da realidade, e procura o significado interno e o reconhecimento do simbólico nos acontecimentos cotidianos.

A leitura da literatura vai além de interesses pessoais, sociais ou burocráticos, como os da escola; ela faz viver experiências que (trans)formam conceitos, auxiliam na reflexão do sujeito como agente social, desfaz concepções cristalizadas, amplia visão do mundo e das coisas.

Lajolo (1993, p. 115), assevera que “O texto literário, ao mesmo tempo que significa, como que sugere os limites da significação. Dribla o leitor, sugerindo-lhe que o que diz é e não é, porque o dizer, em literatura, tira sua força, paradoxalmente, do relativo e provisório”. Há um jogo entre leitor e texto literário que pode educar/(trans)formar leitores ao passo que se apropriam do texto e atribuem sentido ao que leem.

Como passo para a “correção” de “mal entendidos” sobre a literatura na escola (por exemplo, dizer que literatura é chata ou difícil e o ensino de literatura ligado à história literária), o professor tem um papel muito importante, pois, em sala de aula, ele tem o “poder” de selecionar e manusear os textos, afim de que seus alunos tenham um contato com o que seja literatura, e não história literária. Para tanto, necessita-se, por parte dos professores, a ampliação da leitura em sala de aula, de modo que o aluno sinta-se motivado e não pressionado, sempre revendo a questão dos livros/textos, pois essa escolha deve partir também do aluno e cabe ao professor indicar uma leitura agradável, de acordo com os interesses do estudante.

A seleção de textos é de extrema relevância, haja vista o aluno ler aquilo que o docente indica e essa indicação deve considerar o repertório de leitura de cada aluno, o que ele já tem e o que ele pode construir. Por isso, dependem muito do foco que o professor dá às suas aulas.

Deve-se pensar também em como o professor cumprirá com a tarefa de comportar a literatura em meio às aulas e estimular seus alunos para realizar essas tarefas sem a necessidade de imposição. Realizando tal procedimento, o professor está fugindo de propostas fechadas, como as dos manuais didáticos, dando ênfase à leitura. Para isso:

Os professores que ministram aos alunos “pequenas doses” da importância da leitura todos os dias – em seu encontro com a literatura, como apoio ao trabalho escolar e aos interesses pessoais dos alunos em todos os assuntos escolares –, os professores que procuram dar eficácia a essas pequenas “doses de hábito” nas atividades diárias das horas de lazer e como tarefa durante toda a carreira escolar da criança, sem forçar, mas com naturalidade, terão acostumado, de tal maneira, a maioria dos alunos a trabalhar com livros que eles não desistirão mais tarde. (BAMBERGER, 2008, p. 74).

Se inserido esse sistema ainda na infância do aluno, certamente ele não se desvinculará do gosto da leitura e, conseqüentemente, dos benefícios que ela pode propiciar futuramente em suas vidas. Será um leitor literário que pode refletir criticamente sobre o mundo, um participante ativo na sociedade e o cidadão que a escola anseia formar.

O livro didático e formação do leitor literário: um estudo do capítulo inicial de literatura do livro *Novas Palavras*, do 3º ano do Ensino Médio, em nova edição.

O livro didático apresenta uma relação estreita com a literatura, uma vez que através dele, entre outros recursos, são (ou seriam) inseridas nas aulas de Português pequenas doses de literatura, numa instituição - a escola - em que se objetiva formar leitores, conforme discutido anteriormente.

Com o exposto, desperta-se para o fato de como os livros didáticos portam-se ao abranger a, ou citar, a literatura. É nessa perspectiva que utiliza-se como *corpus* neste trabalho o primeiro capítulo, intitulado “O Pré-Modernismo no Brasil”, da nova edição do livro *Novas Palavras*, do terceiro ano do Ensino Médio, dos autores Emília Amaral, Mauro Ferreira, Ricardo Leite, Severino Antônio, para a observação de como a literatura é concebida e se o formato do capítulo auxilia a formação de leitores.

Para a análise, primeiro será feito o estudo da apresentação do livro para que se compreendam as perspectivas do formato deste, seguidamente, far-se-á o confronto entre os dizeres da apresentação e do capítulo estudado.

O livro inicia sua apresentação avisando que não substitui demais complementos que possam servir de material para a realização das aulas, pois trata-se de um material auxiliar. Logo após, fala de como está dividido por temas: literatura, gramática, redação e leitura. Faz também propostas ao que se refere ao método de ensino utilizado, ao dizer que o livro permite aos alunos a sensação de não se sentir preso ao conteúdo, pelo fato do mesmo ter “flexibilidade”. Remete ao professor a tarefa de “articulação” dos conteúdos conforme seu planejamento, haja vista a divisão sugerida no sumário não poder ser transformada num programa de ensino, porquanto o professor é que vai selecionar e adequar os conteúdos de acordo com os perfis de seus discentes.

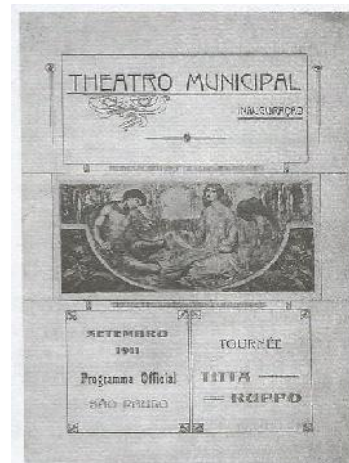
Há duas seções no livro que são destacadas desde a apresentação: a primeira delas é a **E mais...**, que sugere atividades como debates, apresentação e representação teatral,

trabalhando sistematicamente com a oralidade, em contextos vários de comunicação, o que exige do aluno pesquisa em outras áreas do conhecimento para associar aos conceitos em construção; a segunda seção de destaque é a **Navegar é preciso**, cujo objetivo é motivar o aluno a experimentar práticas culturais – filmes, documentários, entrevistas, etc – que comportam a degustação e desescolarização dos conteúdos. Há ainda uma ressalva de que estas seções pode acrescer o repertório de conhecimentos dos alunos através do contato com produções culturais importantes e disponíveis nas mídias.

A apresentação ainda indica que os textos “podem e devem”, ser analisados do ponto de vista literário, ou de um ponto de vista lingüístico. Essa tarefa de exemplificação, no que diz respeito ao modo como o livro vai trabalhar da literatura à gramática, o autor do livro envia para o professor.

O texto deixa claro que apesar da estrutura horizontal em que o livro está organizado, sugere-se que seu manuseio seja vertical para favorecer a gradual combinação entre as partes, abrindo possibilidades de aprofundar e enriquecer as aulas.

O primeiro capítulo vem destacando o “Pré-Modernismo no Brasil” e apresenta como seção inicial, **Primeira Leitura**, trechos de uma crônica de João do Rio, com o título “Como imagino o Municipal amanhã”, acompanhada de uma foto do Teatro Municipal na década de 1910 e da folha de rosto do programa deste evento, reproduzida ao lado.



A crônica trata da inauguração do teatro um dia antes do acontecimento e enaltece São Paulo como civilização pioneira no país, tendo em vista mostrar o paulista como o bandeirante que ensinou a desbravar o sertão, como o agricultor que realizou a corrente imigratória antes da abolição e como o pensador que propagou a república. Esta seção é encerrada com uma pintura, “Fachada do Teatro Municipal” (1910-1920) de Valério Vieira.

Na seção seguinte, **Releitura**, faz-se uma sequência de perguntas relacionadas ao texto. Elas se pautam em fatores históricos sobre São Paulo, correntes científicas em voga no fim do século XIX, distinção de classes sociais e a própria inauguração do Municipal.

O teor da introdução do capítulo reporta o aluno ao início do século XX, o que já separa o texto e, por conseguinte, o conteúdo do seu cotidiano, porque transparece uma apologia histórica.

Posteriormente, vem a seção **Comentários** sobre a crônica lida, acompanhada da reprodução de uma foto histórica, “Rua 15 de Novembro”, porém também relatando fatos

históricos que a engendram e ressaltando a visão de João do Rio, autor da crônica, como contemporâneo da ocasião de inauguração do Municipal e não como crítico da história.

É apresentado na sequência o ponto **Um pouco de história**, que traz como título “O Brasil do início do século XX”, acompanhado da reprodução da foto “Participantes da Guerra do Contestado”, cujo conteúdo passeia pela produção e importação do café, crescimento industrial, urbanização e imigração, a Revolta da Vacina, a Revolta da Chibata, greves de operários, o cangaço na zona rural, a Guerra de Canudos, a Guerra do Contestado e o Levante do Juazeiro. Conclui afirmando que “[...] parece haver “dois Brasis” em confronto ao longo da Primeira República: aquele agrário, [...] que detém o poder, e [...] um país industrial, urbano [...]” (AMARAL et all, 2013, p. 12).

Fica óbvio que o capítulo segue dando um aval historicizado à literatura, e parece haver uma concepção de que o aluno precisa, primeiro, saber de acontecimentos da época para compreender os textos produzidos e/ou o movimento literário em questão.

Essa veia histórica permanece na seção seguinte, destacada na apresentação do livro, **Navegar é preciso**, a qual traz sugestão de filmes e documentários que “além de aprofundarem os conhecimentos sobre a época estudada, trazem informações importantes para a discussão proposta na seção ‘E mais...’ sobre as profundas disparidades econômicas e sociais encontradas no Brasil” (AMARAL et all, 2013, p. 12). A sugestão é de dois filmes, “Policarpo Quaresma: herói do Brasil” e “Linha de passe”, e do documentário “Sobreviventes: filhos da Guerra de Canudos”, trazendo em cada sugestão o que cada produção aborda e o que representa historicamente.

As duas seções seguintes: **Principais Características do Pré-Modernismo no Brasil** e **Principais escritores e obras do Pré-Modernismo Brasileiro**, são pequenos textos falando, respectivamente, sobre o estilo e a produção literária, seguidos da foto reproduzida ao lado. Pode-se constatar que os textos abordados, até então, são todos informativos e históricos, desvinculados da realidade do estudante.



Moças em um dos bares da Exposição Comemorativa da Abertura dos Portos às Nações Amigas, Rio de Janeiro, 1908.

Assim como a foto da folha de rosto do programa da inauguração do teatro Municipal, a foto reproduzida acima e as demais imagens dos textos reportam sempre às questões sociais e fatos históricos do fim do século XIX início do XX.

Na sequência, as seções são apresentadas por autor: Augusto de Anjos, Euclides da Cunha, Monteiro Lobato e Lima Barreto. Apontados como os principais, são lembrados, inicialmente, alguns pontos do estilo, da obra e da vida dos mesmos e, depois, são postos à leitura fragmentos de um texto de cada autor, considerado como parte de uma das principais publicações. Segue o formato:

Augusto dos Anjos

Eu (1912)

O público e a crítica da época, habituados à elegância parnasiana, consideraram grosseiro e de mau gosto o livro de Augusto dos Anjos. Alguns de seus poemas são vistos como os mais estranhos de toda a literatura brasileira, por vários motivos. Dentre eles, ressaltamos o vocabulário pouco comum, repleto de palavras com forte carga cientificista; a multiplicidade de influências literárias, que dificulta ou mesmo impossibilita sua classificação estilística; e, principalmente, o desespero radical com que transforma o fim de todas as ilusões românticas em tema recorrente, bem como a fatalidade da morte e o apodrecimento inexorável do corpo, a visão do cosmos em seu processo irreversível de demolição de valores e sonhos humanos.

Trata-se, no entanto, de uma das obras mais lidas entre os brasileiros.



Capa do livro *Eu*, de Augusto dos Anjos.

Leitura

Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos (1884-1914)

- Augusto dos Anjos nasceu e viveu até os 24 anos na Paraíba, no Engenho Pau d' Arco, que a família foi obrigada a vender em razão da crise que atingiu a lavoura açucareira nordestina nos primeiros anos da República. Foi professor de literatura a vida toda, divulgando poemas em jornais até a publicação de sua única obra: *Eu* (1912).
- Faleceu em Leopoldina, Minas Gerais, com 30 anos, em consequência de uma pneumonia.

Versos íntimos

Vês?! Ninguém assistiu ao formidável
Enterro de tua última quimera.
Somente a Ingratidão – esta pantera –
Foi tua companheira inseparável!

Acostuma-te à lama que te espera!
O Homem, que, nesta terra miserável,
Mora, entre feras, sente inevitável
Necessidade de também ser fera.

Toma um fósforo. Acende teu cigarro!
O beijo, amigo, é a véspera do escarro,
A mão que afaga é a mesma que apedreja.

Se a alguém causa inda pena a tua chaga,
Apedreja essa mão vil que te afaga,
Escarra nessa boca que te beija!

ANJOS, Augusto dos. Versos íntimos. In: BUENO, Alexei (Org.).
Augusto dos Anjos: obra completa. Rio de Janeiro:
Nova Aguilar. p. 280.

**A palavra
no texto**
quimera – utopia, sonho,
fantasia

A seção apresenta uma introdução sobre o estilo do autor, um de seus principais textos e alguns detalhes biográficos. Este é um modelo já ultrapassado que confirma na leitura do texto as características já citadas sobre a escrita e a temática do poeta. Este esquema é feito com os demais autores e depois deste formato, o capítulo traz mais leituras de fragmentos na seção posterior, **Leitura**, cuja introdução, reproduzida abaixo, indica que textos ainda serão lidos.

Leitura

Conheça um fragmento do famoso conto “Urupês” (texto 1), em que Lobato descreve, pela primeira vez, a figura do Jeca Tatu. Espécie de “anti-herói” nacional, o caipira representa, nesse momento histórico e literário, uma ruptura com a idealização romântica de nossos símbolos pátrios. Aqui ele aparece como a encarnação de um Brasil arcaico, anacrônico, que convive lado a lado com um Brasil que se pretende civilizado, moderno.

Após a leitura do texto 1, compare-o com os outros dois textos: **Os sertões** (texto 2), de Euclides da Cunha, que tematiza o sertanejo, e **Triste fim de Policarpo Quaresma** (texto 3), de Lima Barreto, no qual há uma reflexão da personagem Olga (afilhada do Major Quaresma) sobre o homem do campo.

Nos três textos a caracterização de tipos regionais brasileiros revela a preocupação dos autores em denunciar nossa distância em relação à imagem pós-republicana e parnasiana de um país civilizado, próximo à Europa, no ritmo da modernidade.

Encontre semelhanças e diferenças entre os textos, lendo e respondendo às questões da releitura.

Esta seção introduz as leituras enfatizando o contexto histórico que cada texto representa no Brasil e, com isso, o aluno conserva-se afastando o texto do seu tempo hoje, como se a produção não pudesse ser trazida à contemporaneidade do leitor.

Em seguida, no outro momento do capítulo chamado de **Releitura**, são realizadas perguntas relacionadas aos acontecimentos dos textos e a assuntos com episódios históricos como pano de fundo, pois é retomada a questão do Pré-Modernismo como escola.

A proposta é ler os fragmentos e responder questões relacionadas a estes, a maioria relacionada à intenção do autor e à escola literária, o que não contribui para a interpretação dos textos no sentido de possibilitar a construção de sentido que o leitor faz. Com as palavras de Cosson (2006, p. 17) “a experiência da literatura não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência”. A leitura literária pode trazer mais do que conhecimentos, pode trazer caminhos, lições. Para isso, ela precisa de espaço.

No ponto do livro chamado **E Mais...** solicita-se a realização de um debate para falar sobre *a atualidade dos problemas dos “dois Brasis”*, para expor questões históricas decorrentes também na atualidade. É a primeira vez que uma proposta do capítulo sugere que os temas podem ser trazidos para a realidade, embora não o tenha feito a partir da leitura literária.

O ponto subsequente traz o **Resumindo o que você estudou**, como forma de fixação do conteúdo, no qual aborda o Pré-Modernismo como estilo de época, suas características e seu contexto.

A seção que encerra o capítulo, **Atividades**, continua trazendo apenas trechos das obras dos autores mencionados com questões objetivas retiradas de exames de universidades e do Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM -, a fim de aguçar os conhecimentos dos terceiranistas na perspectiva das provas seletivas.

Com esta análise são notórias duas coisas: a primeira é o fato de o capítulo do livro, na sua edição mais atual, não trazer novidades quanto ao ensino de literatura. O texto literário permanece preso à literatura em série e o realce aos dados históricos afasta o aluno da leitura deste texto; a segunda coisa é lembrar aqui a questão da apresentação do livro já apontar a sua estrutura horizontal, ao mesmo tempo em que assevera que o professor fará o uso preferível e adequado para seus alunos. Presume-se aí que a postura do professor com relação à formação de leitores literários é que vai determinar o modo como o livro será trabalhado. Entretanto, o capítulo em si, estudado neste trabalho, não foca a formação de leitores porque enviesa somente história literária.

Conclusão

A preocupação das escolas em formar leitores críticos e autônomos, embora converse com o objetivo do ensino de literatura que também é o de formar leitores literários, não consegue atingir seu ápice se a mudança não vier por parte do professor.

O material didático utilizado em sala de aula, como, não único, mas principal instrumento do professor, deveria nortear um trabalho com foco na leitura literária, todavia, o capítulo “O Pré-Modernismo no Brasil” do livro *Novas Palavras*, aqui estudado, apresenta puramente história da literatura, dados biográficos de autores e fragmentos de textos.

Essa perspectiva, muito criticada nas academias, ainda vigora nas produções de manuais didáticos, pois o livro do qual extraímos o capítulo para análise é uma nova edição ofertada para escolas indicarem ao governo como sendo o material com o qual se decidiu trabalhar, para que o governo adote, compre e distribua nas escolas.

O trabalho do professor como um formador de leitor é que pode fazer toda a diferença, assim como seu manuseio do livro didático pode não atravessar por essa veia historicista, trazendo novos segmentos de trabalho com a leitura literária em sala de aula.

A escola e o professor não podem se prender a um livro/perspectiva e deixar de trabalhar com o que pode humanizar cada vez mais os futuros cidadãos: a experiência da leitura literária.

Referências bibliográficas

AMARAL, E; FERREIRA, M; LEITE, R; ANTÔNIO, S. **Novas Palavras**: 3º ano. São Paulo: FTD, 2013.

BAMBERGER, R. **Como incentivar o hábito de leitura**. São Paulo: Ática, 2008.

CANDIDO, A. **Vários Escritos. O Direito à Literatura**. 3ª Edição. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

_____. A literatura e a formação do homem. In: **Ciência e Cultura**, São Paulo, 1972, p. 803-809.

COSSON, R. A literatura e o mundo. In: **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

LAJOLO, M. **O que é literatura**. São Paulo: Brasiliense, 1922